



POR MARCIO FUNCHAL

Diretor de Consultoria da CONSUFOR
✉: mfunchal@consufor.com

Read this content in English at www.revistaopapeldigital.org.br, see left sidebar: Publications / Leia este conteúdo em Inglês em www.revistaopapeldigital.org.br na aba lateral esquerda: Publicações



PANORAMA MACROECONÔMICO BRASILEIRO: PRESSÕES E INCERTEZAS DO MOMENTO ATUAL

Com as eleições na reta final (o 1.º turno das votações ocorrerá em 07 de outubro), o mercado vivencia, no momento, mais um forte rally em face às incertezas dos rumos macroeconômicos do Brasil, após definidos nossos próximos representantes públicos (principalmente Presidente e Governadores).

O nível de tensão dos mercados também está sob influência negativa da grave crise econômica na qual o País se encontra. A população e o setor produtivo desejam uma imediata e vigorosa retomada do mercado. Porém, diversos indicadores mostram que a nossa situação é bastante ruim sob diversos prismas, e que há necessidade de um pacote de soluções abrangente e intenso para corrigir os problemas atuais.

Fazendo uma analogia com a medicina, não se pode tratar um paciente com câncer apenas com chás naturais e dieta balanceada. Com o País na "UTI", não se pode esperar que ele retorne aos "trilhos" do crescimento econômico sem uma série de intervenções econômicas profundas.

Assim, na coluna deste mês, a CONSUFOR sintetiza alguns dos indicadores da situação do mercado brasileiro, como forma de ajudar o

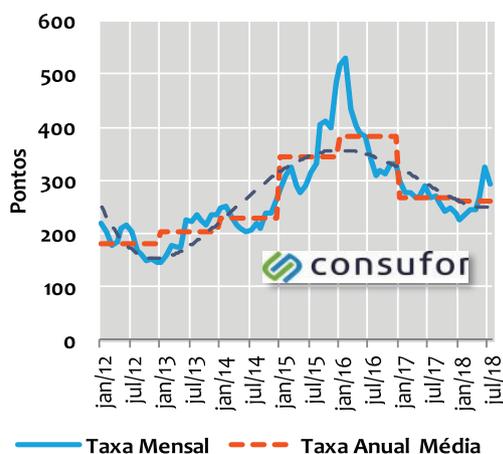
leitor a se posicionar frente às perspectivas que nos aguardam após Janeiro/2018, já sob "nova direção".

A Figura 1 mostra a trajetória do Risco País. A partir de 2002, quando o Brasil chegou a receber uma nota de 2.500 pontos, este indicador vinha numa trajetória de redução interessante, com certa oscilação nas proximidades dos anos 2008-2009, em função da crise financeira mundial. Contudo, com o agravamento da situação fiscal do país nos últimos anos, deixou de fazer parte da lista de "bons pagadores" e sua pontuação voltou a ter incremento significativo. Como o País tem dificuldade para resolver a equação de déficit nas contas públicas, espera-se trajetória crescente para este indicador nos próximos anos.

Já a Figura 2 mostra a forte depreciação do Real frente ao Dólar (em termos Nominais). O ano de 2018 tem sido de intensa volatilidade em decorrência de aspectos internos e externos. Contudo, o próprio Banco Central Brasileiro reviu suas perspectivas para os próximos anos, apontando para um câmbio médio na casa de R\$ 3,8 para o final de 2018, e de cerca de R\$ 3,70 para 2019 e 2020.

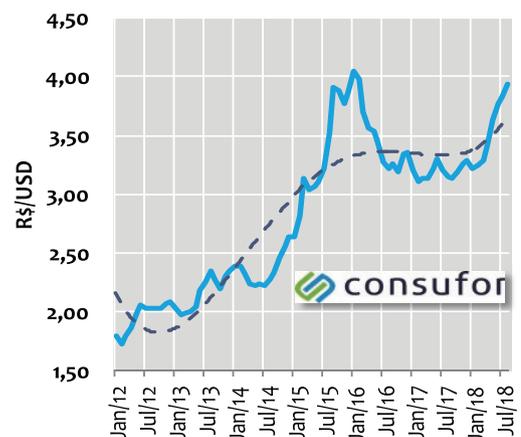
O comportamento da Taxa Selic está disponível na Figura 3. Vê-se que

Figura 1 – Risco País – Brasil



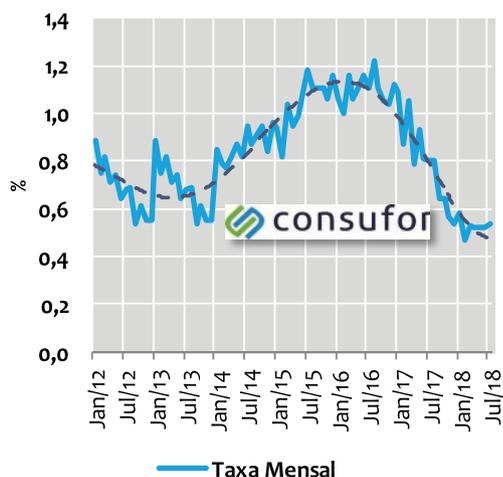
Fonte: JP Morgan

Figura 2 – Taxa de Câmbio – Dólar Americano



Fonte: BACEN

Figura 3 – Taxa Selic

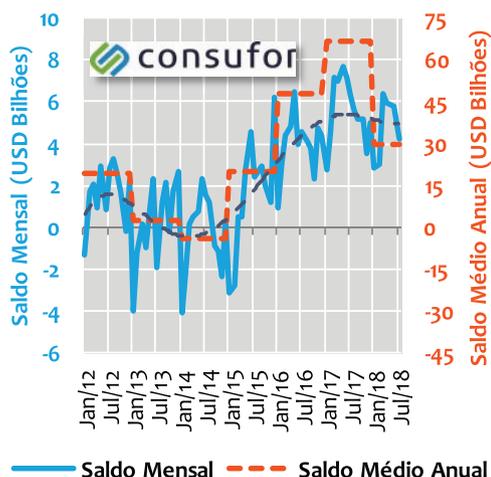


Fonte: BACEN

o patamar atual é bem inferior aos níveis de 2015 a 2016, em que a taxa anual esteve próxima de 14%. Em 2017 a taxa ficou abaixo de 8% a.a. Para 2018, a expectativa é ficar em aproximadamente 6,5%, aumentando para 8% a.a. para os próximos dois anos. Como resultado, o crédito no Brasil tende a ficar mais caro, dificultando a retomada dos níveis de investimento.

A Figura 4 mostra o saldo da balança comercial nos últimos anos. Vê-se que houve uma recuperação desde 2014. Porém, a projeção é que o País deva fechar 2018 com saldo aproximado de USD 55 bilhões, inferior ao patamar de 2017. Essa trajetória de redução é esperada também para os próximos anos, nos quais os saldos esperados são respectivamente de USD 47 Bi (2019) e USD 43 Bi (2020), mostrando que o Brasil deverá enfrentar dificuldades no comércio internacional, mesmo com um câmbio bastante depreciado.

Figura 4 – Saldo da Balança Comercial no Brasil

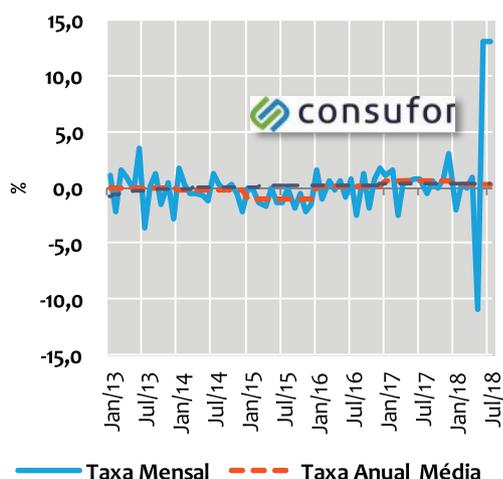


Fonte: MDIC

A produção industrial no Brasil (Figura 5) tem sofrido forte pressão nos últimos anos. A taxa anual acumulada vem mostrando queda desde 2013. O ano de 2017 reverteu o panorama e mostrou crescimento de 2,5% em relação a 2016. Contudo, cabe salientar que é um crescimento positivo sobre um patamar de produção muito baixo. Para os próximos dois anos, o Governo projeta taxas de crescimento anual de quase 3%, bastante otimistas frente ao cenário macroeconômico atual.

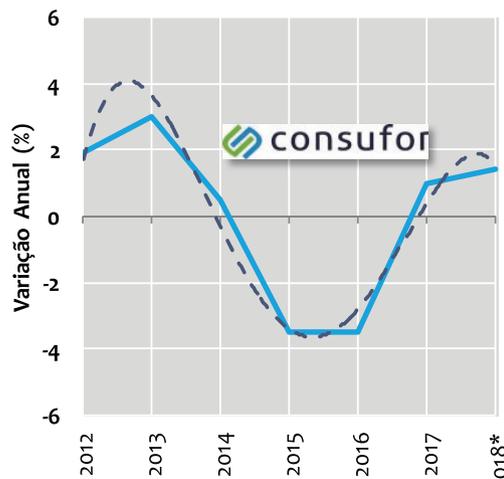
O crescimento do PIB brasileiro pode ser visto na Figura 6. Até 2014 o País apresentou crescimento positivo em taxas pequenas. Entre 2015 e 2016 registrou elevada retração do PIB, como resultado da crise econômica. Em 2017 houve crescimento de 1% em relação ao ano anterior. O Banco Central, numa expectativa extremamente otimista, projeta crescimento de 2,5% a.a. para 2019 e 2020, se esquecendo de toda a

Figura 5 – Taxa de Crescimento da Produção Industrial



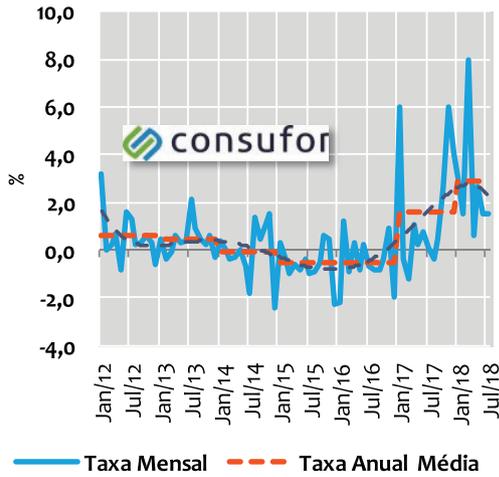
Fonte: IBGE

Figura 6 - Taxa de Crescimento do PIB



Fonte: IBGE

Figura 7 - Variação do Volume de Vendas no Comércio Varejista Brasileiro



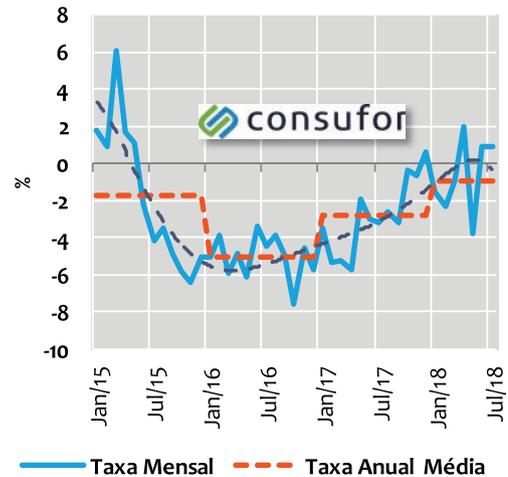
Fonte: IBGE

problemática das contas públicas e da incapacidade de o Brasil equalizar os gastos e priorizar investimentos.

Outros dois importantes "termômetros" da economia são o desempenho dos setores de Comércio e de Serviço (ver Figuras 7 e 8, respectivamente). No comércio, a retração é bastante significativa nos últimos anos, embora tenhamos registrado certa recuperação das vendas desde 2017. O mesmo cenário é percebido nos serviços, em que uma ligeira melhorada tem sido vista desde 2016. Contudo, em razão do elevado endividamento das famílias e a perspectiva de aumento do custo de crédito, não é prudente esperar um crescimento expressivo, em ambos os setores, para os próximos dois anos.

Outro indicador interessante, em termos nacionais, está relacio-

Figura 8 - Taxa de Crescimento do Setor de Serviços no Brasil

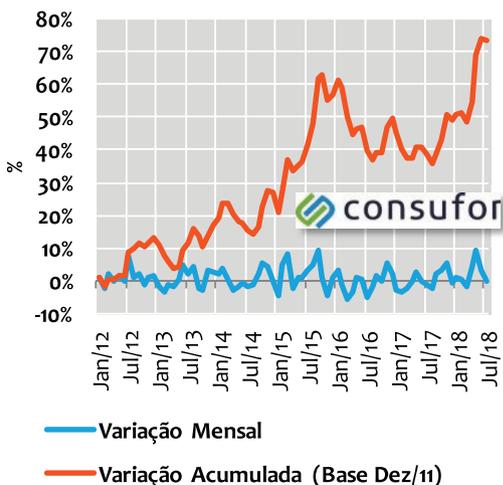


Fonte: IBGE

nado aos preços médios de commodities. A Figura 9 mostra que desde 2015 houve uma retração dos preços médios nacionais (commodities agrícolas, minerais e energia). No entanto, desde a metade de 2017, os preços registraram um aumento significativo. Se setorialmente para o produtor destes produtos é um aspecto positivo, para os demais setores da economia é um desastre, uma vez que impacta negativamente nos custos de produção (principalmente energia, vinculada a todas as atividades produtivas na indústria, comércio e serviços). O cenário futuro permite apontar para uma continuidade da escalada de preços.

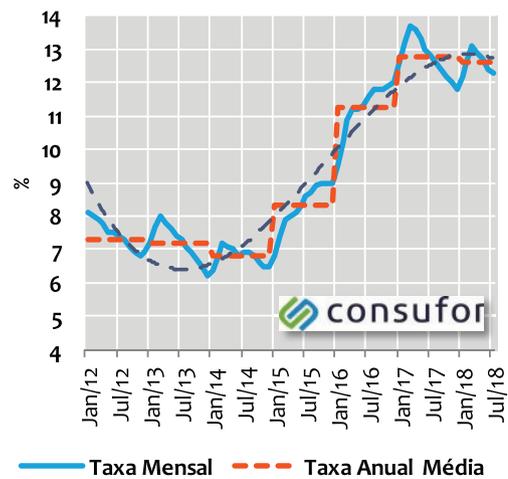
Já a Figura 10 mostra que o nível de desemprego cresceu fortemente entre 2013 e 2017. No ano de 2018 se vê uma estabili-

Figura 9 - Crescimento do Índice de Preços de Commodities (IBC-BR)



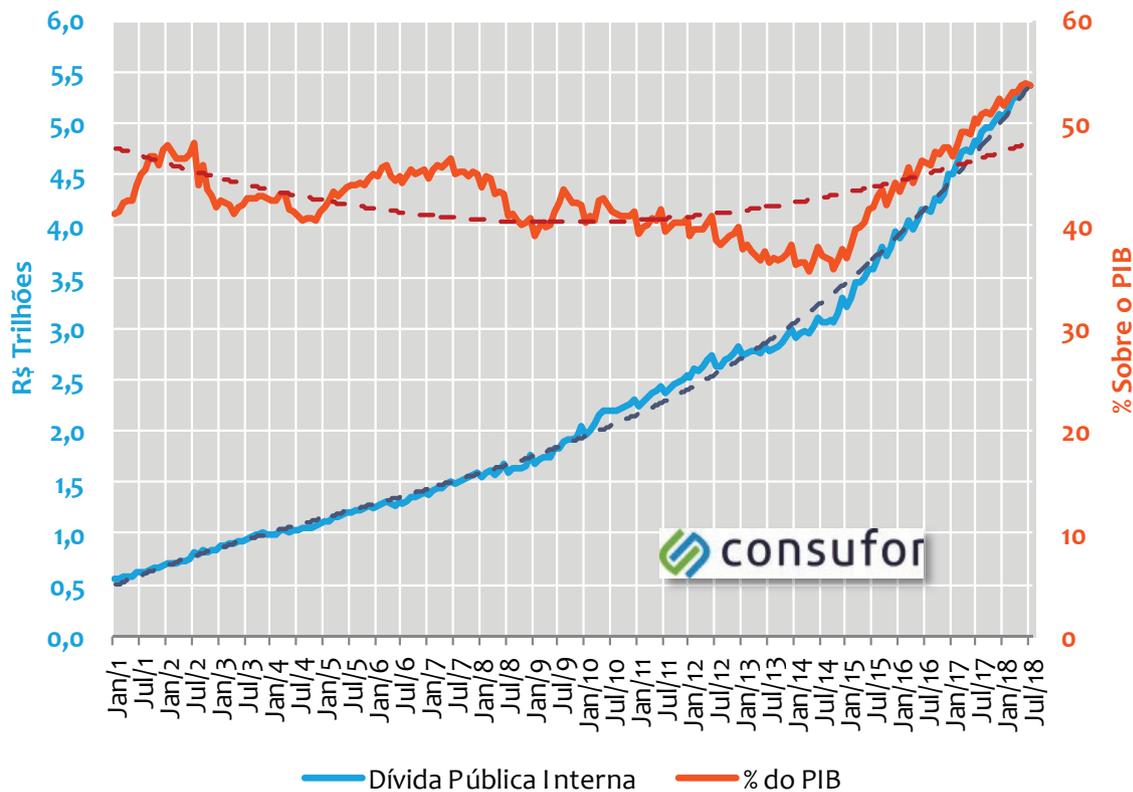
Fonte: BACEN

Figura 10 - Desemprego



Fonte: IBGE

Figura 11 – Dívida Pública Brasileira



Fonte: BACEN – Dívida Mobiliária do Governo Federal

dade do indicador, porém num patamar muito elevado, o que é ruim para a economia. Apesar dos sinais de tendência de queda do indicador, não é esperada diminuição importante da taxa de desemprego, uma vez que as empresas normalmente estão operando com elevada ociosidade.

Por fim, o último indicador desta coluna mostra o crescimento espantoso da dívida pública brasileira. Os números da Figura 11 representam apenas a dívida pública federal interna (representa cerca de 95% do montante da dívida do País). Entre vários aspectos, o mais importante a ressaltar é a trajetória de crescimento do endividamento, principalmente a partir de 2014, com crescimento bombástico. Em 2001 a dívida era de R\$ 500 bilhões e agora está prestes a atingir a cada de R\$ 5,5 trilhões, quase 55% do PIB brasileiro.

Ao gastar mais do que arrecada com impostos, o Governo precisa financiar seu déficit emitindo títulos da dívida. Se este ritmo de crescimento do endividamento não for interrompido imediatamente, toda a economia do País entrará em colapso. Infelizmente não há movimentos claros, por parte do governo, de que medidas serão tomadas para corrigir este grave problema.

Com base nos indicadores apresentados, temos um cenário macroeconômico bastante incerto para os próximos dois anos, independentemente de quem for o novo presidente e novos governadores eleitos. O que se pode afirmar, com certeza, é que serão tempos difíceis, nos quais a prioridade é permanecer em estado de alerta com a estratégia e operação das empresas prontas para agir. Mais do que nunca, o momento é de preservar os negócios e ter foco na rentabilidade. ■

A CONSUFOR é uma empresa de consultoria em negócios e estratégias, especializada nos setores da indústria da madeira, papel e celulose, bioenergia, siderúrgico, floresta e agronegócio. Para atender às necessidades do mercado, a CONSUFOR desenvolve serviços de consultoria e pesquisa focando em quatro áreas: Inteligência de Mercado, Engenharia de Negócios, Gestão Empresarial, Fusões e Aquisições.

 **consufor**

www.consufor.com
consufor@consufor.com
(41) 3538-4497